

## NEGACIONISMO: A EXTREMA-DIREITA E A NEGAÇÃO DA POLÍTICA DE EXTERMÍNIO NAZISTA.

Por *Luís Edmundo de Souza Moraes*[i]

*Auschwitz deve cair, por que só depois disso as pessoas poderão aceitar aquilo que queremos. As pessoas todas dizem: 'esse Althans é um bom rapaz. Mas tem Auschwitz'. E este é o problema". (Ewald Althans, militante neo-nazista, em entrevista a Michael Schmidt)[ii]*

### Introdução

Das manifestações contemporâneas da extrema-direita, uma das mais curiosas é o que se convencionou chamar de “negacionismo”. O termo *negacionismo* remete a um fenômeno específico que tem lugar após a Segunda Guerra Mundial: a prática instrumental de negar que os nazistas tenham praticado o assassinato sistemático e planejado de grupos que considerava indignos de viver.[iii] Ainda que o fenômeno da negação de genocídios e de atrocidades seja relativamente comum no mundo contemporâneo[iv] falar de negacionismo, em geral, não é falar disto em termos genéricos (apesar da existência de exceções pontuais[v]).

Desde as primeiras manifestações do negacionismo no imediato pós-Segunda Guerra Mundial, até a primeira década do presente século, escritos negacionistas foram utilizados para fins diversos e incorporadas por grupos ou indivíduos de variadas colorações políticas. Isto serviu aos seus porta-vozes para afirmar que o negacionismo não seria um fenômeno político, mas sim um fenômeno inscrito no campo da ciência e, em especial, da *história-disciplina*.

O propósito deste artigo é o de colocar a prova esta afirmação que compõe a imagem por meio da qual os negacionistas se apresentam publicamente. Buscarei fazê-lo por meio do tratamento do caso dos produtores de literatura negacionista na França, da década de 1940 até década de 1980.

### O negacionismo e suas muitas cores

Pode-se dizer que falar de negacionismo é falar de coisas que, ainda que guardem algum grau de proximidade em função de uma prática comum, são distintas

em seus propósitos. Por um lado, o termo “negacionismo” descreve um campo ou uma variante propriamente “Intelectual“ de movimentos de extrema-direita do pós-Segunda Guerra Mundial que se constitui em torno de um propósito estratégico: por meio da negação das atrocidades nazistas e de sua política de extermínio, superar o peso social e político altamente negativo dos crimes nazistas e seus efeitos no estabelecimento de barreiras sociais à expansão da extrema-direita no mundo contemporâneo. Por outro, o termo define também uma “prática” instrumental que serve a propósitos diversos daqueles do neonazismo, sendo usado por grupos diversos. Um primeiro a destacar são aqueles que tomam o anti-sionismo e a deslegitimação do Estado de Israel como projetos estratégicos.

O presidente do Irã, Mahmud Ahmadinejad, por exemplo, notabilizou-se por recorrer a afirmações negacionistas. Sua posição é relativamente clara e é inseparável de sua tentativa de colocar em questão o direito de existência do Estado de Israel. Em uma entrevista concedida à revista alemã *Der Spiegel*, Ahmadinejad não deixa dúvidas sobre isto:

Nós não queremos nem confirmar nem negar o Holocausto. Nós somos contra todas as formas de crime contra qualquer povo, mas queremos saber se este crime realmente aconteceu ou não. Se aconteceu, então são os responsáveis por eles que devem ser punidos e não os Palestinos. [...] As raízes do conflito na Palestina devem ser buscadas na história. O Holocausto e a Palestina estão diretamente ligados. [...] Nós afirmamos que se o Holocausto existiu, então é a Europa que deve extrair as consequências disso e não a Palestina ser obrigada a pagar por isto. Se ele não existiu então os Judeus devem voltar de onde vieram. [vi]

Esta afirmação de que o projeto nacional judaico deriva do extermínio nazista, sendo a construção de Israel uma “reparação” dada pela “comunidade internacional” aos “judeus”, não é de todo ausente do cenário político internacional do mundo do pós-guerra[vii]. Neste sentido, disseminar a dúvida sobre a existência do extermínio planejado pelos nazistas em dúvida significaria retirar aquilo que ele imagina ser o elemento que dá legitimidade à existência do Israel. Esta é a atitude adotada por Roger Garaudy, um personagem com um importante passado na esquerda francesa e que foi o pivô de um caso de grande repercussão pública.[viii]

Garaudy torna-se figura de destaque no campo do negacionismo quando da publicação de “Os Mitos Fundadores da Política Israelense” (1996), no qual nega que as

mortes de judeus tenham ocorrido nas dimensões indicadas pela historiografia e sugere que elas decorreram não por uma política de extermínio, mas por causa do trabalho forçado e de epidemias de tifo, argumentos comuns no repertório negacionista.[ix]

Com os mesmos propósitos, eventos de negacionistas são legitimados por rabinos e ativistas do judaísmo ultra-ortodoxo, em especial o *Neturei Karta*. Este uso de um evento negacionista se deu, por exemplo, durante “Conferência de Teerã”, patrocinada pelo governo iraniano em dezembro de 2006. Lá, ao lado de personalidades do fascismo europeu contemporâneo e de grupos racistas como a Ku Klux Klan, figuravam judeus ultra-ortodoxos não somente no público, mas também entre os palestrantes. Ainda que não neguem a realidade do extermínio nazista, seu programa de eliminar o estado de Israel, denominador comum aos que estiveram presentes na “Conferência”, se baseia na crença de que o *Reino de Israel* não pode ser estabelecido antes da vinda do Messias e de que o nacionalismo judaico (sionismo) representa uma violação do judaísmo tal como o eles entendem. É este programa que permite sua aliança com a extrema-direita antisemita. [x]

Sem vinculações imediatas com um projeto de combate ao estado de Israel, católicos lefebvrianos reproduzem afirmações negacionistas a partir de motivações estritamente ligadas ao seu ultra-conservadorismo. Contrariando a Declaração *Nostra Aetate* (Nosso Tempo), que, no contexto do Concílio Vaticano II, deixa de estender a todos os judeus a acusação de terem sido, como supõem, os assassinos de Cristo, os lefebvrianos reafirmam a doutrina católica tradicional de que todos os judeus são responsáveis pelo assassinato de Jesus e que eles tramam continuamente contra a chegada do reino de Cristo. Atados a este anti-judaísmo, tanto como arma de disputas internas ao catolicismo quanto como instrumento que legitima sua recusa das deliberações do Concílio, os seguidores de Marcel Lefebvre retomam e modernizam a antiga tese da “conspiração judaica internacional”, segundo a qual o mundo estaria refém do judaísmo, e isto se expressaria por meio daquilo que consideram como uma “falsa vitimização” gerada pela existência do holocausto.[xi]

*Grupúsculos* da extrema-esquerda francesa são também usuários do que é produzido pela extrema-direita negacionista. Este é o caso, por exemplo, do grupo estabelecido em torno da livraria/ediadora *La Vielle Taupe* (velha toupeira)[xii], criada em 1965 por Pierre Guillaume. No início o uso do negacionismo é declaradamente

movido pela luta contra o anti-fascismo, ainda que mais tarde incorpore também a luta contra o Estado de Israel.[xiii]

A recusa do anti-fascismo é uma ideia de inspiração *bordiguista* existente na esquerda radical francesa do pós-guerra.[xiv] Deste ponto de vista, o *anti-fascismo* é mais perigoso que o próprio fascismo, porque ao fazer deste (e em especial do nazismo) um mal absoluto pela demonstração de seus crimes, o anti-fascismo produz o encobrimento dos crimes cometidos pela “democracia burguesa” e pelo stalinismo e, por fim, a legitimação do próprio capitalismo.

Neste sentido, a comparação das atrocidades nazistas com aquelas cometidas pela “aliança antifascista” tanto durante a guerra europeia quanto nas experiências colonialistas se torna um instrumento importante de ação política destes grupos. Mas como o extermínio sistemático e planejado de Deficientes Físicos e Mentais, de Ciganos e de Judeus escapa a esta possibilidade de comparação, a partir de uma estranha lógica, a negação da política de extermínio nazista torna-se um meio para superar esta barreira.

Artigo programático para este propósito é “Auschwitz, ou o grande álibi”, publicado originalmente pelo periódico *Programme Communiste* do pequeno grupo bordiguista francês em 1960 e republicado em forma de livro pela editora de Guillaume em 1970.

Novamente a imprensa de esquerda demonstra que o racismo e, essencialmente, o anti-semitismo constituem, em certo sentido, o grande álibi do anti-fascismo: é sua bandeira favorita e, ao mesmo tempo, seu último refúgio na discussão. Quem resiste à lembrança dos campos de extermínio? Quem não se indigna ante ao assassinato de seis milhões de judeus? E como não ficar horrorizado com o sadismo dos nazis? E, apesar de tudo, estamos de frente a uma das mais escandalosas mistificações do anti-fascismo e pretendemos denunciá-la.[xv]

Por último não há que esquecer o fenômeno chamado por Israel Charny de “negação inocente” ou “de boa-fé”[xvi]. Este é um problema relacionado diretamente à ignorância, à falta de (ou de acesso à) informações, e ao fenômeno do ceticismo (racional ou irracional), não de todo desconhecido em nosso mundo contemporâneo. Talvez o caso de maior repercussão de um “negador inocente” da política de extermínio nazista seja aquele de Jean-Claude Pressac.

Pressac, químico e farmacêutico francês, inicialmente convencido de que os argumentos de Robert Faurisson sobre a inexistência das câmaras de gás eram corretos, se pôs a trabalhar com ele para demonstrar a falsidade das evidências sobre a existência das câmaras de gás. Ao tomar contato com a documentação sobre a construção das câmaras e verificando sua consistência, Pressac rompe com Faurisson e se torna o autor daquele que é um dos mais importantes livros sobre o funcionamento técnico das câmaras de gás de Auschwitz.[xvii]

Estes casos mostram de forma nítida que a prática da negação das atrocidades nazistas não está circunscrita a círculos de admiradores de Hitler ou de apologistas das diversas manifestações do fascismo. Contudo, não há dúvida quanto a um aspecto: o surgimento do negacionismo é inseparável da extrema-direita e é esta que o incorpora continuamente como elemento referencial de sua apresentação pública desde então.

### **O Negacionismo e a Extrema-Direita: O Caso Francês**

O primeiro escrito que nega decididamente que os nazistas levaram a efeito uma política de extermínio foi feito por Maurice Bardèche, um intelectual que, após a execução de seu cunhado, Robert Brasillach, por “colaboração com o inimigo”, se torna o porta-voz mais proeminente dos antigos colaboradores com o nazismo e uma das figuras mais destacadas do fascismo francês. Para limpar a imagem dos “colaboradores” e para tentar recuperar o prestígio perdido pelo fascismo francês, Bardèche, em uma carta pública a François Mauriac afirma não haver diferença entre os atos de guerra dos nazistas e aqueles dos aliados. [xviii] Ao enfrentar o problema da política de extermínio que particulariza os nazistas, Bardèche inaugura o uso de um recurso com seu livro *Nuremberg ou a terra prometida* de 1948: convencer a “opinião pública” de que o extermínio de judeus não teria existido e que a existência de campos construídos para este fim teria sido uma invenção dos vencedores em conluio com as supostas vítimas. [xix]

Escrito na forma de um ensaio-manifesto, este livro traz a primeira formulação das afirmações típicas do repertório negacionista, ainda que reconheça não ter “qualquer documento” para falar sobre os campos. (pg. 165) Suas teses são relativamente simples:

1.Os campos de extermínio teriam sido um “magnífico método que consiste em inventar uma imagem do horror”. Eles foram “superproduções sensacionais dignas de cérebros férteis de Hollywood” (pg. 200), “uma verdadeira empresa de camuflagem levada a efeito pelos vencedores” (pg. 146), para encobrir “os próprios crimes de guerra dos aliados. (pg.199)

2.Nunca teria havido um plano para o extermínio dos judeus. “*a solução do problema* judaico, que foi aprovado pelos dirigentes nacional-socialistas, consistia unicamente em reassentar os judeus em uma zona territorial que se chamava *reserva judaica*: um tipo de gueto europeu, uma pátria judaica reconstituída no leste.” (pg. 194. Grifos no original)

3.As altas taxas de mortalidade nos campos teriam sido o resultado das condições específicas da guerra e de responsabilidade direta dos Aliados, cujos bombardeios geraram problemas de abastecimento e, por consequência, fome e epidemias de tifo; (Pg. 153)

4.O gás “Zyklon -B” foi usado em Auschwitz somente para matar piolhos e para desinfetar roupas, cujo uso teria sido mal compreendido por um “erro de tradução” por parte dos franceses em Nüremberg, que traduziram a indicação “desinfecção” em alemão por “extermínio”. (pg.134)

5.As atrocidades registradas nos campos de concentração nazistas foram obra dos próprios prisioneiros e não do sistema de campos nazistas ou guardas (150-151)

6.As experiências médicas com prisioneiros existiram, mas foram feitas, “como algumas pessoas me confirmaram” por meio de um “contrato proposto aos deportados que aceitaram se submeter voluntariamente a estas experiências”. Este contrato “foi efetivamente cumprido e os deportados que sobreviveram foram colocados em liberdade”. (pg. 163-164)

7.Todos os testemunhos das vítimas, em especial de comunistas e judeus, são inválidos por que “para eles o alemão é o inimigo (...) o único problema para eles é o de controlar seu ódio, de guardar, pelo menos em sua apresentação, uma aparência de objetividade. (...) Eles vieram como acusadores (...) e não para ajudar o tribunal a estabelecer a (pgs. 138 e 143)

As afirmações de Bardèche, ainda que recebidas com indignação, são inseparáveis de seus interesses específicos como militante fascista, o que pode ter limitado sua disseminação fora do campo da extrema-direita. Este quadro se altera com a entrada em cena de um personagem que pode, por sua vida pregressa, dar a impressão de objetividade às mesmas coisas que Bardèche dizia, sem o peso de uma identificação direta com o fascismo francês. Trata-se de Paul Rassinier.[xx]

Rassinier tem uma trajetória que começa no partido comunista francês. Indo depois disto para uma tendência de esquerda revolucionária da socialdemocracia, ele se aproxima de um grupo que reúne socialistas e anarquistas em torno de um projeto de “pacifismo integral”. Ao contrário de muitos militantes deste grupo que, depois do estabelecimento do governo fascista do General Pétain, se aproximam do “vichysmo” e do colaboracionismo, Rassinier adere à resistência e, preso e torturado pela Gestapo em 1943, é enviado ao Campo de Trabalho de Dora e, posteriormente, ao Campo de Concentração de Buchenwald[xxi]. Após a liberação é eleito deputado socialista.

Em 1948 Rassinier publica *La Passage de la Ligne*, relato de sua passagem pelos campos de trabalho e de concentração nazistas, que responsabiliza os *Kappos* comunistas pelos maus tratos a que eram submetidos os prisioneiros, desresponsabilizando toda a administração dos campos e os guardas SS. Em 1950 Rassinier publica a “Mentira de Ulisses”, que é significativamente prefaciado por Albert Paraz, que durante o regime de Vichy fora um adversário da Resistência e, depois da guerra foi co-fundador do jornal *Rivarol*, órgão importante da extrema-direita francesa.

Mais do que o livro de Bardèche, este segundo de Rassinier tem um papel decisivo para o campo do negacionismo por sua repercussão e por ter sido utilizado amplamente na política negacionista pelo fato de ter sido escrito por alguém que, por ter sido de esquerda, resistente e prisioneiro dos campos nazistas, não teria sua credibilidade colocada em questão. A imagem de um campo de concentração dada por Rassinier em *La passage de la Ligne* é impressionante. Em um dos trechos ele descreve os campos de forma tal que um leitor pouco atento poderia confundi-los com casas de repouso:

O III Reich nos dava tudo que nós necessitávamos: a comida, os meios para uma higiene impecável, instalações confortáveis em um campo modernizado no limite do possível, as distrações sãs, a música, a leitura, os esportes, uma árvore de natal etc. E não soubemos aproveitar. Esta é a prova de que Hitler

tinha razão e que, excetuando-se algumas raras exceções, nós pertencíamos a uma humanidade fisicamente e moralmente inferior![xxii]

Além disso, Rassinier com este livro deixa definitivamente o lugar de “testemunha ocular” e fala sobre temas sobre os quais ele não pode ter tido experiência direta. Em relação ao tema nevrálgico dos extermínios por gaseamento, ele sugere que a ideia de que se processavam assassinatos por gás era um mito disseminado entre os prisioneiros. Ele diz que se imaginava que o gás era usado para matar prisioneiros que, doentes ou incapazes para o trabalho, eram retirados do campo de trabalho e levados para “um destino desconhecido”. E ele completa:

O rumor no campo sugeria que eles teriam sido diretamente levados às câmaras de gás. (...) Após cada Selektion, aqueles que ficavam tinham o sentimento de ter escapado provisoriamente da câmara de gás. (...) Mas ninguém prova de modo irrefutável que todos os inaptos, ou aqueles que eram tidos como tais (...) eram levados às câmaras de gás. (pg. 168-169.)

E para que não pairasse dúvida quanto ao caráter fantasioso do uso sistemático de câmaras de gás para matar pessoas, Rassinier passa a relatar um fato pessoal:

Na operação de *Selektion* da qual eu escapei em Dora, um de meus camaradas não teve a mesma chance que eu. (...) Em 1946, eu ainda acreditava que ele tinha sido morto por asfixia com todo o comboio do qual ele fez parte. Em setembro do mesmo ano, eu o vi com surpresa vir a minha casa para me convidar para uma manifestação oficial. (...) ele me contou que o comboio em questão dirigiu-se a Bergen-Belsen cuja missão era, parece, mais particularmente, receber os convalescentes de todos os campos. (Rassinier, op.cit. 169)

Ainda que acreditássemos no relato de Rassinier, ele usa a sua passagem por um **campo de trabalho** e o seu *reencontro* com um *morto por asfixia* para generalizar sua limitada experiência e tirar conclusões sobre todo o sistema de campos nazistas que se distribuíam às centenas por todo o território da Europa ocupada, sendo seis dos quais, situados em território polonês, destinados ao assassinato em massa.

Quando Rassinier fala de *Selektion* e de morte por gaseamento é do “descarte” de trabalhadores “inaptos”, prática comum nos campos de concentração e de trabalho. Nos dá a impressão que *Selektion* era só isto e que o gaseamento só se dava quando

alguém perdia a capacidade para o trabalho. Reitero: ainda que seu relato pudesse ter credibilidade, isto é somente aquilo que sua experiência em um pequeno campo de trabalho permitia ver. Ainda assim, ele não hesita e conclui:

Minha opinião sobre as câmaras de gás? Elas existiram: mas não tantas como se crê. O extermínio por este meio também existiu: mas não tanto quanto dizem. O número, certamente em nada diminui a natureza do horror, mas o fato de se tratar de uma medida estabelecida por um estado em nome de uma filosofia e de uma doutrina, daria a ela um caráter singular. (...). A relação de causa e efeito entre a existência das câmaras de gás e o extermínio não foi estabelecida de modo indiscutível. (...) é necessário admitir que a utilização que foi feita delas em alguns casos, revela a existência de um ou dois loucos entre os SS (...). Um fato sintomático que quase não foi sublinhado: nos raros campos onde foram encontradas câmaras de gás, elas estavam anexas aos blocos sanitários de desinfecção e às duchas que comportavam as instalações de água, e não aos fornos crematórios.(169-171)

Está aí, temperado, o programa de Bardèche com acréscimos: Admitir que houve uma política de extermínio, singulariza o nazismo e impede comparações... sendo assim, era preciso afirmar que: 1) que não teria havido política de extermínio e 2) os assassinatos caso tivessem tido lugar, teriam sido obra de “loucos entre os SS”; 3) o assassinato sistemático por meio das câmaras de gás não seria mais que um rumor disseminados entre os prisioneiros que não sabiam para onde os que não passavam na Selektion eram levados; 4) as câmaras de gás “ao lado das instalações sanitárias” e longe dos fornos crematórios (!!), não teriam sido feitas para o assassinato, mas para a desinfecção e o combate de doenças 5) as *Selektion* não teriam tido como objetivo a morte dos inaptos, mas seu tratamento; 6) as vítimas que se julgavam assassinadas não tinham ainda sido localizadas; 7) os prisioneiros eram responsáveis pelas condições de vida e pelo tratamento que recebiam nos campos.

Do repertório de Bardèche, só o antissemitismo, ainda que decisivo no prefácio de Albert Paraz, não tinha ainda lugar central na narrativa de Rassinier, lacuna que ele mesmo completaria nos seus escritos publicados a partir de meados dos 50 pela editora de Maurice Bardèche, momento em que já está organicamente envolvido com a extrema-direita. Desde o *Mensonge D'Ulysse*, Rassinier perde espaço no campo de esquerda, que dava a ele alguma legitimidade: processado por antigos deportados em 1951, ele é expulso do Partido Socialista Frances no mesmo ano. Ele adere à Federação Anarquista em seguida e se torna colaborador ativo em diversos periódicos libertários até que se descobre que Rassinier, publica seu *Mensonge* por uma editora neo-nazista na

Alemanha e, sob o pseudônimo de Jean-Pierre Bermon, contribui regularmente para jornais de extrema-direita.

Desde sua morte em 1967, o negacionismo, ainda que se disseminando em círculos de extrema-direita, perde em potência de gerar impacto público. Sete anos mais tarde, uma outra testemunha ocular, Thies Christophersen, gera alguma sensação na Alemanha quando é publicado *Die Auschwitz-Lüge* (A Mentira de Auschwitz), que já foi descrito como “a bíblia do negacionismo”. Christophersen tem contra si a desvantagem de ter sido oficial da SS em Auschwitz e seu depoimento não tem credibilidade fora de círculos neonazistas. Ainda assim, seu livro é tomado pela extrema-direita em diversos países como depoimento de uma testemunha-chave que demonstraria que no campo não houve extermínio. [xxiii]

Na Inglaterra em meados dos anos 70, sob o pseudônimo de Richard Harwood, é publicada a brochura *Did six million really die?* de autoria de Richard Verall, editor da cena fascista inglesa e membro do *National Front*. O fato de usar um pseudônimo não é um mero detalhe aqui, como não o fora com Rassinier: não ser identificado com a extrema-direita é condição decisiva para o sucesso do empreendimento negacionista.

Poucos anos depois esta tática ganha novas possibilidades com a entrada em cena de Robert Faurisson, cuja aparição pública como porta-voz do negacionismo gera uma repercussão imediata e inédita na história do fenômeno, ao mesmo tempo que produz uma mudança decisiva em sua forma de apresentação pública.

Robert Faurisson tem uma carreira acadêmica sem brilho, ainda que relativamente bem sucedida e guarda ligações até então discretas com a extrema-direita francesa.[xxiv] Em 29 de dezembro de 1978, entretanto, ele vem a público por meio de uma carta que, depois de inúmeras tentativas de publicá-la em outros jornais, foi finalmente aceita pelo prestigioso *Le Monde* e na qual diz que o mundo tem a chance de proclamar uma verdade até então escondida: “a inexistência das «câmaras de gás» é uma boa nova para a pobre humanidade.”.

Depois de grande comoção pública e da multiplicação de artigos na imprensa, inclusive no mesmo *Le Monde*, dando início ao “*Affaire*” que levou seu nome, Robert Faurisson parece ter conseguido o que buscava: por meio de pedidos de direitos de

resposta, ele conquista mais espaço na imprensa. O *Le Monde* publica uma nova carta-artigo em 16 de janeiro.

Até 1960 eu acreditei na realidade destes massacres gigantescos nas “Câmaras de Gás”. Depois, com a leitura de Paul Rassinier, antigo resistente deportado e autor de “A Mentira de Ulisses”, eu comecei a ter dúvidas. Após 14 anos de reflexão pessoal, mas quatro anos de uma pesquisa intensa, eu adquiri a certeza, como vinte outros autores revisionistas, de que eu me encontrava perante uma mentira histórica. (*Le Monde*, 16 de janeiro de 1979)

O “Caso Faurisson” tem enorme repercussão internacional. Coberto por um verniz de seriedade pelo fato dele ser professor de literatura francesa, Faurisson passa a ser apresentado publicamente como “pesquisador” e “intérprete e crítico de documentos históricos”. Faurisson está, neste momento, exatamente em um lugar que o negacionismo tinha deixado de ocupar quando passam a ficar claras as relações de Rassinier com a extrema-direita francesa. O destaque de Rassinier tinha sido muito menos por sua originalidade ou pelo que diz do que pelo seu “lugar de fala”. É o fato de ter sido um resistente e ter um passado de esquerda que fez com que seus escritos gerassem o impacto (ou mesmo o incômodo) que geraram e tivessem tido a disseminação que tiveram.

A figura pública de Rassinier contamina as afirmações antes feitas por Bardèche com sua legitimidade e torna eficaz a luta principal do empreendimento negacionista: convencer as pessoas que o passado que depõe contra um projeto de mundo da extrema-direita não se passou ou, pelo menos, colocar a *dúvida contra-factual* no centro da percepção pública sobre o passado.

O que o caso Faurisson evidencia, por meio de um contra-exemplo, é que declarações ou escritos negacionistas feitos por pessoas diretamente identificadas com a extrema-direita, ao lado de alguma indignação pública, produz efeitos fugazes para fora dos limites deste campo político. Faurisson consegue superar estes limites por possuir o bem mais valioso para um militante negacionista: não ser identificado em um primeiro momento como militante, mas sim como um professor de literatura francesa que é publicamente apresentado como referência de uma “marca” que o final dos anos setenta vê surgir: o dito “Revisionismo Histórico”, apresentado como uma “escola

historiográfica” dedicada a “pesquisas” sobre a II Guerra Mundial. E isto não tem lugar só na França.

Também em 1978, para dar ancoragem institucional a esta “marca”, foi fundado na Califórnia (EUA) o *Institut for Historical Review-IHR*. Desde então o IHR se constitui em um dos centros articuladores da militância negacionista de extrema-direita, organizando, desde 1981, “conferências internacionais” e publicando o *Journal for Historical Review* e a *IHR-Newsletter*, que, ao editarem instrumentos de propaganda com uma aparência de publicações acadêmicas, buscam fornecer alguma seriedade e autoridade institucional à militância de extrema-direita.[xxv]

Esta transformação de militantes de extrema-direita em respeitáveis “historiadores”, sem dúvida uma das conquistas mais valiosas do campo, foi o resultado de uma proclamação, de um ato mágico de fala. De fato, a dita *escola* “Revisionismo Histórico” surge quando os negacionistas passam a se auto-denominar desta forma.

E aqui cabe um breve parêntese: esta auto-proclamação dos negacionistas como *Historiadores* de uma *Escola Revisionista* representa efetivamente a busca por um mecanismo legitimador, pelo fato de que a idéia de revisão é inseparável do processo de construção de conhecimento científico. Fenômenos e processos descritos, teorias e interpretações que não estão sujeitos à revisão não fazem parte do universo das ciências humanas, mas sim do universo das ortodoxias políticas, do pensamento mágico ou do pensamento teológico.[xxvi]

Por outro lado, ao se afirmarem “historiadores”, os negacionistas buscam incorporar dois tipos particulares de legitimidade: a legitimidade profissional associada à formação do historiador e a legitimidade de que goza a historiografia na construção social de imagens sobre o passado frente a outros tipos de escrita *sobre o passado* ou *sobre um tempo passado*. [xxvii]

Contudo, o que os negacionistas fazem está longe de ser uma atitude de revisão própria do universo da prática científica. Seu repertório, com o fim de demonstrar que o extermínio nazista não existiu, envolve desde o uso de afirmações falsas, a menção a documentos inexistentes e a citação adulterada de documentos verdadeiros e de estudos sobre o nazismo e sua política de extermínio. E os negacionistas buscam com isto

atingir, certamente, um público que não dispõe de instrumentos de verificação de suas operações de falseamento.[xxviii]

Mas, uma “escola historiográfica” não se sustenta, ainda que somente perante um público leigo, somente na existência de personalidades públicas, de um *Instituto* e de um periódico com *formato acadêmico*. Teses acadêmicas são ainda necessárias. Para preencher esta lacuna entra em cena um outro personagem que traz, mais uma vez, o negacionismo para as páginas dos jornais. Trata-se aqui de Henri Roques que foi pivô de um escândalo no mundo universitário francês em 1984. Roques é um engenheiro agrônomo que se aposenta em 1981 e que trazia em seu currículo ter sido membro de vários grupos da extrema-direita francesa, tendo chegado a ser secretário geral do grupo *Phalange Française*.

Seus contatos com Robert Faurisson o levam a ingressar em um doutorado na Universidade de Paris IV. Seu projeto é o de “estudar” as versões do testemunho produzido por Kurt Gerstein, um químico das SS, que presenciou o processo de extermínio de judeus por meio do gaz Zyklon-B. O relato é um documento importante visto que se trata de um texto de um perpetrador que reconhece e descreve o crime praticado. Este e outros documentos de perpetradores, que se juntam a uma enormidade de testemunhos de vítimas e a documentos oficiais produzidos pelo próprio regime, sempre foram constrangedores para os negacionistas, que não tem como desqualificar este testemunho desqualificando o seu autor usando o método instituído por Bardèche de dizer que ele tinha sido escrito por um “inimigo do regime”. Seguindo os passos do mestre, ele produz um escrito em forma de tese acadêmica no qual afirma a impossibilidade de dar credibilidade ao testemunho de Gerstein.

A estratégia é simples: desqualificar o relato de Gerstein por meio de um instrumento (uma tese) avalizado por uma instituição acadêmica e pelo estado francês é mais um passo em direção a legitimação pública dos negacionistas e em direção a retirar a credibilidade de toda a produção historiográfica sobre o nazismo e sobre sua política de extermínio. Além disso, o próprio fato de um escrito negacionista ser chancelado por uma universidade é razão suficiente para justificar a empresa de Roques. Como ele mesmo declarou, um de seus objetivos era de o de contribuir para que “a *escola revisionista*, que se consagra a colocar a história da Segunda Guerra Mundial de acordo com os fatos, tivesse reconhecido seu direito de existência na universidade.”[xxix]

Roques foi auxiliado diretamente por Faurisson ao longo do trabalho. Em uma carta a Valérie Igounet, Roques mostra o seu reconhecimento por isto e descreve Faurisson como o “conselheiro e consultor, orientador oficioso, visto que era impossível que ele fosse orientador oficial ou membro da banca de avaliação” do trabalho. Roques termina o texto em 1984. Entretanto, a “tese” não vai à defesa por que seu orientador, Jacques Rougeo, não conseguiu constituir uma banca de avaliação sobre a qual não pairasse suspeita.[xxx]

Após ter sido recusado em Paris IV, o texto pronto da “tese” é aceito por Jean-Claude Rivière, professor de Nantes, especialista em língua e literatura medieval (!!), que era militante do grupo de extrema-direita *Europe em Action* e fundador da GRECE (*Groupement de recherche et d'études pour la civilisation européenne* - Grupo de Pesquisas e Estudos pela Civilização Européia). O GRECE é um grupo que, constituído em 1969 por estudantes e intelectuais de grupos de extrema-direita, retoma projetos de estudos orientados pelos princípios da eugenia e do “racismo científico”.

Contrariando os regulamentos, a defesa é marcada para três meses depois da desistência do primeiro orientador, o que evidencia que Jean-Claude Rivière, conforme indicou o relatório do governo francês sobre o caso, não “orientou a o trabalho [de Roques], mas simplesmente organizou *sine die* a defesa”(pg. 126).

Além de Jean-Claude Rivière, relator e orientador, compuseram a banca de avaliação: Jean-Paul Allard, presidente do júri e um membro influente do GRECE e especialista em alemão medieval, Pierre Zind, um autonomista alsaciano também membro do GRECE e especialista em história da educação e, finalmente, Thierry Buron, um antigo membro do *Parti des Forces Nouvelles* e colaborador de revista de Bardèche (*Défense de l'Occident*) e especialista em Alemanha de Weimar que, entretanto, não tinha o título de doutor. Tanto o candidato quanto os membros da banca eram então membros ativos da extrema-direita francesa, nenhum deles estudioso do nazismo ou de sua política de extermínio e o único historiador não possuía a titulação necessária para deliberar sobre a validade do estudo. Além disso, Therry Buron faltou à defesa que, sem a banca ser recomposta como exige o regulamento, foi mantida e uma assinatura que ele declarou não ser a dele constou na ata final. (pg 126).

As irregularidades administrativas e processuais só foram descobertas depois que, um ano mais tarde, uma petição de mais de duzentos professores da universidade fez o Governo Francês instituir uma comissão para avaliar o caso. O título concedido de forma irregular a Roques foi cassado em três de julho de 1986.

### **O negacionismo e seus falseamentos**

A questão nova e decisiva em relação ao negacionismo não é necessariamente o que falam, visto que manifestações de racismo e formas de expressão política da extrema-direita não são novidade em nosso mundo. O elemento decisivo e original em relação aos negacionistas é o lugar que eles pretendem ocupar para disseminar publicamente seu programa político e o meio para fazê-lo: o lugar de historiadores profissionais e a produção de escritos que macaqueiam o formato de escritos acadêmicos.

Fazem isto por que partilham da percepção de que a história das atrocidades e da política de extermínio nazista compõe em maior ou menor grau a consciência histórica do mundo do pós-guerra. Ou seja, não é suficiente que se apresentem como militantes de uma causa que objetiva reabilitar o fascismo. É necessário que o façam com algum verniz de credibilidade. Esta é, de fato, a novidade do negacionismo.

Ao contrário do que dizem, além de não se dedicarem à prática da revisão historiográfica, os negacionistas também não são historiadores, nenhum deles de profissão e quase nenhum de formação. O que o caso francês nos mostra, se aplica também aos produtores de escritos negacionistas de outros países: quase todos os negacionistas tem histórias publicamente conhecidas de militância em organizações de extrema-direita em seus países, alguns dos quais ligados a grupos terroristas neo-nazistas (como é o caso de do advogado alemão Manfred Roeder) e a grupos supremacistas brancos (Mark Weber, membro do grupo supremacista branco *National Alliance* e diretor do IHR). [xxxix]

Além do falseamento de seu “lugar-de-fala” e de suas credenciais profissionais, os negacionistas falseiam também o que descrevem como sendo “o passado”. E fazem para afirmar publicamente a ideia de que o extermínio nazista nunca teve lugar e de que

a imagem negativa do nazismo teria decorrido exclusivamente de uma conspiração orquestrada pelo supostamente existente “judaísmo internacional”. A defesa do nazismo, a “limpeza” de sua imagem pública e o antissemitismo tem sido inseparáveis da militância negacionista.

Neste sentido, o negacionismo se constitui em um campo político e um movimento militante inseparável da extrema-direita tanto em sua história quanto em seus propósitos. Negar a existência destes crimes ocupa um lugar de importância capital no processo de legitimação social de diferentes variantes da extrema-direita, em especial daquelas identificadas de uma forma ou de outra com o nazismo, ainda que não se manifeste somente por suas mãos.

## Notas

[i] Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

[ii] Ewald Althans, jovem liderança do movimento neo-nazista alemão em Entrevista a Michael Schmidt no documentário *Die Wahrheit macht Frei* (A verdade Liberta). Alemanha, 1991.

[iii] Para apresentações gerais do negacionismo: Lipstadt, D. E. *Betrifft: Leugnen des Holocausts*. Zürich: Rio-Verlag, 1994; Igounet, V. *Histoire du négationnisme en France*, Paris: Seuil, 2000; Vidal-Naquet, P. *Os Assassinos da Memória*. Campinas: Papyrus, 1988; Atkins, S. E. *Holocaust denial as an international movement*. Westport: Praeger Publishers, 2009. Em língua portuguesa cf. Milman, L. “Negacionismo: Gênese e desenvolvimento do extermínio conceitual” In Milman, L. e Vizontini, P. (orgs.) *Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político*. Porto Alegre: UFRS, 2000, e Moraes, Luis E. “O Revisionismo Negacionista” In Teixeira da Silva, Francisco Carlos. *Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX*. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2004.

[iv] A Turquia, por exemplo, tomou a negação do genocídio armênio como política de estado e, em não poucas situações, se utiliza dela como moeda de troca em negociações no cenário internacional, conseguindo fazer valer suas posições perante alguns Estados,

com destaque para Israel e Estados Unidos. Cf. a este respeito Auron, Yair. *The banality of denial: Israel and the Armenian genocide*. New Brunswick: Transaction Publishers, 2003. pg.47ss. Uma boa apresentação do genocídio e do seu impacto nos estados unidos é feita por Peter Balakian. *Burning Tigris: The Armenian Genocide and America's Response* Harper Collins e-books, 2003. Em menor grau, o governo militar (de ocupação) norte-americano e sucessivos governos do Japão do pós guerra também deram sanção oficial à negação ou ao “abrandamento” das atrocidades cometidas pelo Japão na China e na Coréia. A este respeito cf. Buruma, Ian “Entre honte et culpabilité. Le souvenir de la guerre chez les Allemands et les Japonais”. In: *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*. Nº39, 1993. esp. Pg 75ss.

[v] Sobre o uso do termo para a negação stalinista dos crimes cometidos na União Soviética, cf. Peretz, Pauline “La Grande Famine ukrainienne de 1932-1933: essai d'interprétation”. *Révue d'études comparatives Est-Ouest*. Ano 1999, Vol. 30, nº 1, pp 31-52. No mesmo sentido, Rupen Boyadjian emprega o termo para a negação do genocídio armênio em *Zum Rechtsfall wegen Leugnung des Völkermords an den Armeniern*, (2002). Disponível em [http://www.armenian.ch/fileadmin/user\\_upload/saa/Docs/Rechtsfall-20021118.pdf](http://www.armenian.ch/fileadmin/user_upload/saa/Docs/Rechtsfall-20021118.pdf) (consulta 23.01.2011).

[vi] A entrevista foi publicada na revista Der Spiegel, Nr. 22 de 29.5.2006. Trecho citado: Pgs. 23 e 24. Sobre a posição de Ahmadinedjad, cf.tb. Küntzel, Matthias “Unholy Hatreds: Holocaust Denial and Antisemitism in Iran” in *Posen Papers in Contemporary Antisemitism*, nº 8. Jerusalem: The Vidal Sassoon International Center for the Study of Anti-Semitism, 2007.

[vii] No mundo árabe o tema aparece, ainda que não por meio da negação dos crimes nazistas, desde Nasser, entre políticos e intelectuais nacionalistas. Cf. Achcar, Gilbert. *The Arabs and the Holocaust: The Arab-Israeli War of Narratives*. London: Saqui Books, 2011. Como exemplo da associação entre o extermínio e o Estado de Israel, Feingold, Henry. “The Roots and Meaning of Holocaust Denial”. In *Jewish Frontier*. Vol. LXVIII, nº 4 (2001).

[viii] Roger Garaudy, foi membro do Comitê Central do Partido Comunista Francês e, até sua expulsão em 1970, reconhecido como um dos mais proeminentes intelectuais do

partido. Converte-se ao cristianismo e, no início dos anos de 1980, ao islã. Cf. Igounet, op.cit. Pg. 473.

[ix] Garaudy, Roger. *Les Mythes Fondateurs de la Politique Israélienne*. Chennevières-sur-Marne: Roger Garaudy-Samizdat, 1996. pg. 84. Sobre o caso Garaudy, cf. Prazan, M. e Minard, A. *Roger Garaudy. Itinéraire d'une Négation*. Paris: Calmann-Levy, 2007.

[x] Sobre a Conferência e a participação de judeus ultra-ortodoxos nela, cf. Küntzel, op.cit.

[xi] Sobre os lefebvrianos, seu antijudaísmo e suas relações com a Igreja, cf. Minerbi, Sergio I. “Benedict XVI, the Lefebvrians, the Jews, and the State of Israel. *Jewish Political Studies Review*. Nº 21(2009): 3-4. As declarações negacionistas de quatro Bispos (em especial Richard Williamson), da *Fraternidade Sacerdotal Pio X*, fundada por Lefebvre, recebeu uma grande cobertura de imprensa. Cf. p.ex. “Piusbrüder auf Konfrontationskurs”(Marlene Halser) publicado no *Die Tageszeitung* em 07.02.2009. Disponível em [www.taz.de](http://www.taz.de)

[xii] O nome da editora remete, como indica a epígrafe presente na contra-capas de suas edições, à imagem da toupeira usada por Marx: “nós reconhecemos nossa velha amiga, nossa velha toupeira, que sabe trabalhar sob a terra para aparecer bruscamente: a revolução”.

[xiii] Guillaume fora até 1967 membro de um pequeno grupo chamado *Pouvoir Ouvrier* (Poder Operário) e próximo do círculo denominado *Socialismo ou Barbárie*. Depois disto Em 1967 ele constitui um grupo ainda mais restrito que se articula em torno da livraria. Em 1968 Guillaume toma contato com o negacionismo e passa a considerar a prática da negação do holocausto como uma estratégia de luta e sua editora se torna o principal canal de distribuição de literatura negacionista na França. Sobre o negacionismo da ultra-esquerda, Bihr, Alain. “Les mésaventures du sectarisme révolutionnaire”. In Bihr, Alain, Caldiron, Guido et. Al. *Negationnistes: les chiffonniers de l'histoire*. Villeurbanne; Paris: Golias; Syllepse, 1997. Pp.99-127.

[xiv] O “bordiguismo” retira seu nome do italiano Amadeo Bordiga, que foi um dos fundadores do Partido Comunista Italiano. Ele é expulso em 1930 por se opor ao

stalinismo e, até sua morte em 1970, toma parte na constituição de grupos de extrema-esquerda e na fundação do Partido Comunista Internacional.

[xv] Programme Communiste (nº.11, abril-junio de 1960), sem autoria identificável, o que era prática entre os bordiguistas. Disponível em [http://www.marxists.org/francais/bordiga/works/1960/00/bordiga\\_auschwitz.htm](http://www.marxists.org/francais/bordiga/works/1960/00/bordiga_auschwitz.htm)

[xvi] Charny, Israel W. “Innocent Denials of Known Genocides: A Further Contribution to a Psychology of Denial of Genocide.” Human Rights Review vol 1, nº3 (2000), 15-39.

[xvii] Pressac, J.-C. *Les Crématoires D'Auschwitz. La Machinerie du Meurtre de Masse*. Paris: CNRS, 1993.

[xviii] Bardèche, M. *Lettre à François Mauriac*. Paris: La Pensée Libre, 1947.

[xix] Bardèche, Maurice. *Nuremberg ou la terre promise*. Paris: Éditions Les Sept Couleurs 1948. As referências às páginas do livro de Bardèche feitas a seguir se baseiam nesta edição.

[xx] Sobre a biografia de Paul Rassinier, cf. Igounet, op.cit.; Vidal-Naquet, op.cit.; Fontenis, Georges. “L'étrange parcours de Paul Rassinier”, in Bihr, Alain, Caldriron, Guido et.all. op.cit.; Nadine Fresco: Rassinier, Paul In Jean Maitron (Org.). *Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français*. Les Éditions de l'Atelier/Les Éditions de l'Atelier/Les Éditions Ouvrières 1991. pgs. 394-395. Nadine Fresco: Les redresseurs de morts Chambres à gaz: la bonne nouvelle. Comment on révisé l'histoire. *Les Temps Modernes* nº 407, 1980. (Estes dois últimos foram reproduzidos em <http://www.anti-rev.org>).

[xxi] No sistema concentracionário nazista, existiam tipos de campos que serviam a fins distintos. Ao lado dos de trabalho e de concentração, existiam ainda os de “trânsito” e aqueles usados somente para o assassinato. Alguns campos reuniam algumas destas funções. Um bom estudo sobre o sistema de campos nazistas é o de Wolfgang Sofky: *Die Ordnung des Terrors: Das Konzentrationslager*. Frankfurt a.M.: Fischer, 1997.

[xxii] Rassinier, Paul. *La Mensonge D'Ulysse*. Paris, La Vieille Toupe, 1980. pg. 89. As referências aqui são de uma edição de 1980 feita por Pierre Guillaume que, sob o título de *La Mensonge D'Ulysse* (A mentira de Ulisses) reedita em um só volume tanto o *La Passage de la Ligne* (de 1948) quanto o *Mensonge D'Ulysse* (de 1950), que correspondem, respectivamente, à parte I (até a pg. 110) e II (da pg.111 em diante) deste volume. As páginas dos trabalhos de Rassinier citados se referem a esta edição.

[xxiii] Em finais dos anos 80, Thies Christophersen concede uma entrevista a Michael Schmidt em sua casa na Dinamarca. Perguntado se existiam ou não mortes por gás em Auschwitz, Christophersen afirma que “sobre mortes por gás, eu não escrevi nada em meu relato. (...) eu reconheço que eu tomo partido. (...) Eu quero nos livrar da culpa e nos defender, e isso eu não posso fazer com o que nós de fato fizemos. Eu não nego isto, mas qualquer um que tenha algo a defender, não vai apresentar o que fragilize a sua defesa.” Cf. o documentário *Die Wahrheit macht Frei — A Verdade Liberta —* de Michael Schmidt/Alemanha, 1991. Cf. também a transcrição das entrevistas em Schmidt, Michael. *Neo-nazis: La terrible enquête*. Paris: J.-C.Lattès, 1993.

[xxiv] Faurisson, nascido na Inglaterra e graduado em letras em 1956, leciona no ensino médio até 1969 quando se torna professor de literatura francesa na universidade de Paris III. Doutora-se em 1972 com uma tese sobre poeta Lautréamont (Isidore Lucien Ducasse) e torna-se, em seguida, *Maître de Conférences* (1973-1979) e depois *Professeur* (1979-1990) em literatura contemporânea na Universidade de Lyon II e é ligado ao Centro Nacional de Ensino a Distância. Dados biográficos sobre de Robert Faurisson podem ser encontrados Igounet, op.cit.

[xxv] O IHR foi fundado por Willis Carto (figura de destaque da maior organização anti-semita nos Estados Unidos, o Liberty Lobby) e por “Lewis Brandon” (pseudônimo do inglês William David McCalden, do extremista *British National Front*). Em sua primeira conferência, com exceção de um só palestrante (James J. Martin, que fora prof. de historia até o final dos anos 60 e depois seguiu carreira como editor), nenhum dos outros membros era historiador, e muitos deles não possuíam sequer um grau acadêmico. Ao lado de supremacistas brancos, (como David Duke da Ku Klux Klan) muitos eram notórios apologistas do nazismo como Austin J. App (formado em letras e prof. de língua inglesa), Arthur Butz (prof. de Engenharia Elétrica) Ernst Zündel (sem formação universitária e editor de material negacionista), dentre outros, e sua militância

de extrema direita e não sua formação profissional é que parece ter sido o elemento comum a todos. Sobre o IHR, dentre outros, cf. Lipstadt, op cit., pgs. 170 ss, Atkins, op. cit. 163ss. Nos anos 90 na Austrália é fundado o *Adelaide Institute* com os mesmos propósitos propagandísticos daqueles do IHR. Sobre o negacionismo na Austrália, cf. Danny Ben-Moshe. *Holocaust Denial in Australia*. Jerusalem: The Vidal Sassoon International Center for the Study of antisemitism, 2005.

[xxvi] Sobre os sentidos do termo revisionismo e sobre considerações diversas da prática da revisão historiográfica, cf. Gorman, Jonathan. The commonplaces of “revision” and their implications for historiographical understanding. *History and Theory*, nº 46 (2007), 20-44; Antoniou, Giorgos. “The Lost Atlantis of Objectivity: the Revisionist Struggles Between the Academic and Public Spheres. *History and Theory*, nº 46 (2007), 92-112.

[xxvii] Desenvolvi este tema em dois artigos anteriores: “O Negacionismo e as Disputas de Memória: Reflexões sobre intelectuais de extrema-direita e a negação do holocausto.” In Anais do XIII Simpósio Regional de História – ANPUH, Rio de Janeiro, 2008 e “O Negacionismo e o problema da legitimidade da *escrita sobre o Passado*”. In Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011.

[xxviii] Em outro momento já mencionei o caso de David Irving, que cita uma entrada do diário de Joseph Goebbels deixando de fora a menção explícita ao fato de que a política de extermínio existia e que Hitler tinha conhecimento dela. A denúncia da manipulação no uso que Irving fez do diário foi feita por um historiador que conhecia o documento e pode consultá-lo, o que certamente é menos simples para um não especialista ou para alguém que não seja pesquisador. Sobre esta questão e para uma apresentação mais detalhada deste exemplo da manipulação do diário de Goebbels, Cf. Moraes 2011. Sobre o David Irving e suas práticas de manipulação de documentos existentes, cf. Evans, R. *Lying About Hitler History, Holocaust, and the David Irving Trial*. New York: Basic Books, 2001.

[xxix] Rousso, Henry. *Le Dossier Lyon III. Le Rapport sur le racisme et le négationnisme à l'université Jean-Moulin*. Paris: Fayard, 2004. Pg. 123. Quando não houver informação em contrário, a descrição do *Affaire Roques*, será feito com base no

relatório da comissão de historiadores instituída pelo governo francês para analisar o caso de negacionismo em Lyon III e redigido por Henri Rousso. As referências ao caso e as páginas citadas, se não houver indicação em contrário, foram tomadas deste relatório.

[xxx] Igounet, op.cit. pg. 272-276. Segundo Rousso, Roques tentou em vão fazer com que seu orientador aceitasse dois professores que eram militantes de extrema-direita (Jean-Paul Allard e de Pierre Zind) para constituir a banca de avaliação, o que mostra que a premeditação remonta ao início do processo. Rousso, op. cit. Pg. 125.

[xxxii] Para alguns outros casos de supostos “historiadores” negacionistas, cf. Moraes, 2011.